

## BATISTA PEREIRA E SUA OBRA

## Conferência de Odilon Nogueira de Matos

Sejam minhas primeiras palavras um sincero agradecimento à Academia Paulista de Letras e à Academia Paulista de História pela honra que me conferiram convidando-me para falar nesta sessão especial em que os dois sodalícios se associam para comemorar o centenário do nascimento de Batista Pereira. Não tive o privilégio de conhecer pessoalmente o grande homenageado desta noite. Uma só vez em que vi anunciada uma sua conferência coincidindo com ocasião em que me encontrava no Rio de Janeiro (isto lá por 1940 ou 41), uma circunstância imprevista impediu-me de satisfazer o grande desejo de conhecê-lo e ouvi-lo. Mas conheci e conheço tanta gente que com ele conviveu e bem o conheceu e dele tanto me falaram, que é como se eu próprio o tivesse conhecido. Todavia, se não o conheci pessoalmente, posso gabar-me de conhecer razoavelmente a sua obra — valiosa, variada e vasta, como procurarei mostrar — tomando contato com ela desde os tempos de ginásio. Dito isto hoje, quase meio século depois, a frase poderá não soar bem, dando impressão de bazófia ou precocidade, sobretudo quando se considera o pouco ou quase nada que hoje se lê, mesmo nas universidades. Acontece que minha adolescência e mocidade transcorreram numa época em que ainda não havia tanta cousa a desviar a atenção de um jovem, e era, então, na leitura que encontrávamos o melhor para as nossas horas de lazer. E como se não bastasse, tive o privilégio de realizar minha formação humanística num colégio que, através de seus inúmeros grêmios literários, estimulava muito as atividades extracurriculares, propiciando-nos oportunidade para iniciação nos domínios da ficção, da oratória, da crônica, da poesia, da declamação, dos comentários literários etc. Desta maneira — e não era apenas o meu caso — qualquer rapaz de minha geração podia, ao encerrar o curso ginásial, apresentar razoável crédito de boas leituras nas áreas que mais lhe agradasse.

À vista do que acabo de dizer, não estranhem, pois, meus nobres ouvintes, quando afirmo que foi ainda nos meus tempos de ginásio, com apenas dezessete anos, que travei conhecimento com a obra daquele a quem hoje homenageamos. E eu me permito relatar como foi que isso aconteceu. Abril de 1933. Residia em Juiz de Fora, onde cursava o último ano ginásial do famoso Colégio Granbery. Precisando ir ao Rio de Janeiro em visita a pessoa de minha família que se encontrava gravemente enferma, pediu-me meu pai que procurasse um seu velho amigo dos tempos de mocidade, a quem deveria entregar uns papéis. Esse seu amigo, aliás bem mais velho que ele, ainda não o conhecia a não ser de nome. E de nome, não apenas o conhecia desde a infância, como o respeitava deveras, pois fora

nos seus livros que realizara meus primeiros estudos de História do Brasil e de História de São Paulo, ainda no Grupo Escolar. Seu nome, eu o profiro com o maior respeito: José Francisco da Rocha Pombo, ou simplesmente Rocha Pombo, que é como ele vinha grafado nas capas dos seus livros, editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo. Bastante modesto e em situação econômica difícil, diria mesmo pobre, o grande historiador paranaense residia numa modesta casa de subúrbio da antiga Capital Federal, onde fui procurá-lo naquela já bem longínqua tarde de abril de 1933. Desincumbido da tarefa, acanhado por me encontrar diante de alguém que para mim era um verdadeiro símbolo, já me dispunha a ir embora, quando o simpático velhinho, já com a saúde bastante abalada, fez questão de reter-me por mais algum tempo, fazendo as costumeiras perguntas que um ancião faz a um jovem desabrochando para a vida. As mesmas que, hoje, eu próprio faço aos que me procuram na fase da vida em que, naquela ocasião, eu me encontrava: se gostava de estudar, qual a matéria de minha preferência, que carreira pretendia seguir, e por aí afora. Respondido meio encabuladamente o que me fora perguntado, indagou-me Rocha Pombo se eu gostava de História. Tive, de pronto, uma resposta que agradou ao bom velhinho, dizendo que o que eu sabia de História devia-o a ele, pois fora nos seus livros que estudara. E enumerei suas duas Histórias do Brasil, a "História de São Paulo" e até a quase infantil "Minha Pátria", que fora meu livro de leitura — por assim dizer a artinha que me ensinara os primeiros rudimentos de nossa História, nos bons tempos do Grupo Escolar da antiga Rua Morais Sales, de Campinas. E me preparava — acrescentei — para ler sua grande "História do Brasil", em dez volumes, que havia na biblioteca do colégio em que estudava.

Rocha Pombo, mal disfarçando, através de leve sorriso que era muito seu, a satisfação por encontrar um rapazola que conhecia vários dos seus livros, indagou-me se fora das obras didáticas eu já havia lido alguma obra de interesse histórico. Dado o hábito de leitura de minha geração, a que de início me referi, não me foi difícil recordar, de momento, pelo menos meio dúzia de livros que já tinha lido, e que iam desde **A Retirada da Laguna**, de Taunay, até **Os Sertões**, de Euclides, que estava lendo naquele ano, para trabalhos de classe. Foi nesse momento que Rocha Pombo dirigiu-se à estante e dela retirou um livro que mo ofereceu, recomendando-me que o lesse com atenção, e acrescentando, ainda, que não precisaria devolver-lhe, pois possuía outro exemplar. Sensibilizado com o presente, pus-me a examinar o volume. Intitulava-se **Figuras do Império e Outros Ensaios**. Seu autor, Batista Pereira. Confessei-lhe que ainda não conhecia o autor. Rocha Pombo disse-me, então, o que qualquer um diria dele, isto é, que era genro de Rui Barbosa, mas apressou-se em acrescentar que não era apenas por essa circunstância que ele deveria ser apreciado. E rematou com esta frase que nunca esqueci: "É um dos nossos melhores escritores. Mais que eu, ele é quem devia estar na Academia Brasileira".

Lembro, entre parênteses, que naquela ocasião fazia apenas duas semanas que Rocha Pombo havia sido eleito para a Academia, na vaga de Alberto de Faria, o conhecido biógrafo de Mauá. Todavia, suas condições de saúde, já bem precárias, não lhe permitiram tomar posse na Casa de Machado de Assis, pois veio a falecer dois meses depois do episódio que estou narrando, ou seja, em junho de 1933.

Aproveitei a viagem de volta a Juiz de Fora, logo na manhã seguinte, para começar a ler **Figuras do Império e Outros Ensaios**. Examinando-o com mais cuidado, notei que o volume fazia parte de uma coleção que se caracterizava por ter as capas uniformes, apresentando o perfil do mapa do Brasil ornado com algumas estrelas, variando apenas a cor de volume para volume. Aliás, **Figuras do Império** iniciava essa coleção, que se chamava “Brasiliana”, da qual já tinha visto alguns volumes em vitrinas de livraria. Passei a me interessar por essa coleção, que já contava, naquela época, com mais de dez volumes publicados, inclusive dois outros do próprio Batista Pereira: **Vultos e Episódios do Brasil** e **Diretrizes de Rui Barbosa**. Quando, naquela ocasião, poderia imaginar que ao estudo e recensão dessa preciosíssima coleção, hoje com mais de quatrocentos volumes, viria a dedicar alguns dos melhores momentos de minha vida, dela tratando, durante quase dez anos, ao longo de mais de oitenta números de minha “Notícia Bibliográfica e Histórica” !

**Figuras do Império e Outros Ensaios** — como o título está a indicar é um volume bem variado. As “figuras do Império” nele estudadas são: Torres Homem, Rio Branco, Martinho de Campos, Lafaiete, Cotegipe, Ferreira Viana, Nabuco de Araujo, José de Alencar e Silveira Martins. Os “outros ensaios” versam sobre a queda de Zacarias, Rui Barbosa na Conferência de Haia, o idealismo da Constituição, encerrando-se o volume com o capítulo referente à visita de Rudyard Kipling ao Rio de Janeiro, contendo o relato dos seus passeios com o grande escritor, como acompanhante especialmente designado pela Presidência da República. Esta parte fora primeiramente publicada numa série de artigos de “O Jornal” e o que nela se ostenta de conhecimento do velho Rio — recorda Américo Jacobina Lacombe — é uma pálida revelação do que significava um passeio pela nossa antiga Capital Federal em tão excelente companhia. Deste seu contato com Kipling resultou sólida amizade, coroada pela tradução do **Kim**, o maior livro do grande escritor inglês, nascido, aliás, na Índia, em 1865, e falecido em Londres, em 1936.

Apenas não li, na ocasião, a parte mais importante do livro, qual seja, a polêmica com Oliveira Viana a propósito de “O Idealismo da Constituição”. Sempre soube reconhecer minhas limitações como leitor. Jamais li só para dizer que o fiz. Soube sempre aguardar o momento adequado para determinadas leituras. Foi o que aconteceu com esta parte de **Figuras do Império**. Isto, não só por não ter ainda estudos suficientes

para entrar na apreciação de temas relativos à história constitucional, como, também, por não conhecer o trabalho de Oliveira Viana a que Batista Pereira dava resposta. Só bem mais tarde foi que com ele travei conhecimento. O estudo de Oliveira Viana fora publicado originalmente no volume **À margem da História da República**, organizado pelo editor Álvaro Pinto, do Rio de Janeiro, e pretendia ser — como o subtítulo o dizia — um “inquérito com a geração nascida com a República”. De fato, cumpre observar que o regime republicano, nos seus primeiros trinta anos — e era natural que assim fosse — contou com as grandes figuras do Império; dois nobres conselheiros da monarquia tornaram-se presidentes da República e muitos outros, mesmo sem ascender à curul suprema da nação, — a começar pelo próprio Rui Barbosa — prestaram assinalados serviços ao novo regime, nos mais diversos cargos e nas mais variadas funções. Agora, que os remanescentes do Império estavam desaparecendo ou então, pela idade, afastando-se da vida pública, era chegada a hora da “geração nascida com a República”. Que tinha a dizer esta geração? como se comportava em face dos primeiros trinta anos da experiência republicana? quais suas perspectivas futuras? O livro saiu muito desigual, o que comumente acontece com as obras coletivas, mas alguns dos ensaios ali reunidos figuram entre as melhores páginas do nosso tão pobre pensamento político. Lendo, posteriormente, alguns escritos de Batista Pereira, especialmente os da década de '20 e aos quais daqui a pouco me referirei com mais vagar, fico a pensar que foi uma pena Batista Pereira não fosse convidado a colaborar nesse volume. Muitas de suas páginas estão bem de acordo com a natureza do volume planejado pelo conhecido editor carioca e muito teriam contribuído para enriquecer a importante obra.

Nos meus cursos de História Política do Brasil, ao tratar de nossa formação constitucional, nunca deixei de citar — e seria imperdoável omissão se o não fizesse — a obra de Oliveira Viana (embora nem sempre concordando com ela), mas também nunca deixei de citar a resposta que lhe deu Batista Pereira em **Figuras do Império e Outros Ensaios**. Lamento sinceramente que quase ninguém o faça. Tenho visto numerosas referências ao livro de Oliveira Viana, reeditado com ampliações em 1939, mas nunca vi uma referência sequer à resposta de Batista Pereira. Ela passou praticamente despercebida. Talvez tenha contribuído para isto o fato de ter sido ela incluída num volume de título bastante geral e que não dá ao leitor condições de saber o que ele contém. O próprio Oliveira Viana não se preocupou com a resposta, o que, aliás, era muito de seu feitio, pois ao reeditar o livro com numerosos acréscimos oito anos depois de publicadas as críticas de Batista Pereira, não lhes faz a menor referência. No entanto, constitui esta resposta uma das mais belas páginas de nossa literatura política. Afinal, é uma luta de dois gigantes do pensamento, um bem à altura do outro. Parece-me que Batista Pereira, ao escrever sua crítica, teve em mente as sábias palavras com que o renomado Padre Leo-

nel Franca inicia um dos seus livros de polémica religiosa com um ilustre pastor presbiteriano: "No mundo das idéias há poucos espetáculos tão bellos como o de uma polémica sincera. A luta de duas inteligências, que se desembaraçam nobremente das influências perturbadoras das paixões, e, estimuladas pelo amor desinteressado da ciência, multiplicam os argumentos, aprofundam a erudição, aguçam a perspicácia da análise, representa um esforço digno do homem, coroado dos mais certos e sólidos resultados. Das discussões elevadas se beneficia sempre a verdade". E o que caracteriza sobretudo a crítica de Batista Pereira é a elegância com que a faz. Vale a pena recordar seus primeiros parágrafos:

"O Sr. Oliveira Viana já é um grande nome entre nós. Uma série de ensaios de Psicologia social deram-lhe foros de pensador. Isento de superstições pragmáticas ou sectárias, informado, tolerante, escondendo sob uma aparente displicência, uma real mestria da palavra, a sua aparição nas letras deu-me a impressão de um levante estelar. Fui dos primeiros, e não me arrependo, a comprazer-me das suas vitórias. Sofro como poucos a hipnose do talento. Sem invejas, sem aspirações, sem rivalidades, sempre bati palmas ao Sr. Oliveira Viana, a quem, aliás, nem de vista conheço. A sua independência, a sua franqueza, a sua elevação, a sua acuidade seduziram-me. Amigos dos que mais prezo informaram-me, depois de escritas estas páginas, em que ousou contraditá-lo nalguns pontos, da sua compostura, da sua modéstia, de um raro conjunto de qualidades. Estive a pique de sacrificar meu trabalho para não desgostá-lo. Não mo consentiram. Alegaram-me os direitos da verdade, a que não podia renunciar. Convenceram-me de que tratei do assunto com tanta elevação que o Sr. Oliveira Viana, a menos de ter a intolerância de um Torquemada, o que parece incompatível com a eminência do seu espírito, não se poderia magoar com as minhas discordâncias. Tive de conformar-me. Procedi a uma rigorosa revisão do que escrevera para ver se me fugira palavra menos cortês, intenção mesmo de longe capaz de ferir a mais delicada sensibilidade. Não a encontrei. Se me tiver escapado na pressa dos dois dias em que foi redigido, e dos outros dois em que foi revisto este trabalho, retrato-me de antemão sinceramente".

**Figuras do Império e Outros Ensaios** despertou-me o interesse em conhecer outras obras de Batista Pereira e, numa seqüência natural, meu contato seguinte foi com outro volume, publicado também na Coleção "Brasiliana" e que adquiri na velha Livraria Dias Cardoso, de Juiz de Fora, naquele mesmo ano de 1933. Como o título o indica, e tal como o volume anterior, **Vultos e Episódios do Brasil** é um livro misto, em cuja maior parte há uma presença constante de Rui. Três peças de circunstância relativas ao grande brasileiro nele se enfeixam: o discurso na inauguração do Museu Rui Barbosa e dois discursos na inauguração de bustos de Rui, um no Supremo Tribunal Federal e outro na cidade paulista de Monte Azul; este, Batista Pereira considera o mais perfeito de quantos bustos

de Rui Barbosa até então haviam sido feitos. É taxativa sua afirmação: "Monte Azul, pequenina localidade do que ainda alguns chamam sertão de São Paulo, como se em São Paulo inda houvesse sertão, Monte Azul pode ufanar-se de possuir o mais perfeito busto de Rui Barbosa". Sua inauguração ocorreu a 25 de novembro de 1924, menos de dois anos após o seu falecimento. E poucos dias antes, a 5 do mesmo mês de novembro, fora inaugurado em Campinas o monumento a Rui Barbosa, o primeiro de quantos ( talvez centenas ) se erigiram no Brasil. Batista Pereira não pôde deixar de evocar esta peculiaridade de São Paulo em matéria de homenagens a Rui Barbosa: em nosso Estado se encontram o primeiro e o mais perfeito busto do grande brasileiro, respectivamente o de Campinas e o de Monte Azul. O ruísmo está representado, ainda, neste livro, por uma conferência proferida na Faculdade de Direito de São Paulo sobre "Rui Barbosa, a Constituição e o Militarismo". A data desta conferência é significativa: 5 de novembro de 1931. Era o dia de Rui Barbosa comemorado num dos momentos mais difíceis de nossa história, quando estávamos como que à procura de rumos para o nosso País, um ano após a vitória da revolução que pusera fim à chamada "Primeira República". Já escrevi, de certa feita, que "no processo revolucionário que se inicia pouco depois da Primeira Guerra Mundial e ainda não terminou, o movimento de 1930 é apenas uma parada, uma estação, mas uma estação onde o trem não troca simplesmente de **staff** para ter certeza de que a linha está livre, mas onde ele pára bastante tempo para meditar por qual das linhas deve seguir. E terá seguido pela linha certa ?" Na conferência de Batista Pereira encontro elementos que me ajudam a responder esta dolorosa interrogação.

Os demais trabalhos reunidos em **Vultos e Episódios do Brasil** versam sobre os dois José Bonifácio ( o "Patriarca" e o "Moço" ), sobre Brasília Machado, sobre o quarto centenário de São Vicente ( conferência proferida na histórica cidade litorânea no próprio dia de seu quadricentenário ), sobre o Rio Grande do Sul e Garibaldi e sobre D. Francisco de Souza, este, de grande interesse histórico, pois lança luzes sobre a personalidade do ilustre governador de fins do século XVI e princípios do XVII, estimulador das primeiras bandeiras paulistas. Contém ainda o volume a reprodução do opúsculo **Brasil — Estados Unidos**, publicado em 1929, por ocasião da visita ao Brasil do Presidente Hoover, e no qual procura mostrar as muitas afinidades históricas e sentimentais entre os dois países. Enfim, como se vê, volume bastante rico e multifacetado pela enorme variedade de temas.

O mesmo ano de 1932, que viu a publicação de **Vultos e Episódios do Brasil**, assinalou, também, a publicação das **Diretrizes de Rui Barbosa**, excelente seleção de páginas ruianas, abrangendo política interna, política externa, militarismo, religião, direito, lingüística e ensino, magníficos textos escolhidos, anotados e prefaciados por Batista Pereira.

Não me encontrava em São Paulo por ocasião da Revolução Constitucionalista de 1932. Por essa razão, não tive oportunidade de testemunhar a gloriosa epopéia paulista. Mas, como é óbvio, “torcia” por São Paulo, integrando-me a um variado grupo de estudantes e jovens intelectuais que, nos cafés e nas tradicionais rodinhas da Rua Halfeld, de Juiz de Fora, não via a hora da vitória paulista, que seria também a vitória da honra e da dignidade. Um meio de compensar meu “capitis diminutio” de paulistanidade foi procurar ler tudo quanto se escreveu sobre o estupendo movimento e que começara a sair, mal terminada a revolução. Li quase tudo daquela infinidade de livros, de valor muito desigual, mas que testemunhava o interesse que a arrancada constitucionalista despertara. Na ânsia de compensação a que me referi, queria ficar em dia com o movimento, como se a ele houvesse assistido ou dele participado. Assim, li os livros de Alfredo Ellis Júnior, Menotti Del Picchia, Euclides de Andrade, Armando Brussolo, Horácio de Andrade, Monsenhor João Batista de Carvalho, Origines Lessa, Herbert Levy, Heliodoro da Rocha Marques, Jair Pinto de Moura, Benjamin de Oliveira Filho, Honório de Syllos, Matos Pimenta e ainda outros de que não me lembro. Um dia, naquele mesmo ano de 1933, no velho Dias Cardoso, deparei com um livro curioso, cujo título me intrigou: **Diário da Capela**, do mesmo Batista Pereira, cujos livros publicados na “Brasileira”, havia acabado de ler. A capa apresentava o fac-símile de um jornal manuscrito intitulado exatamente “Diário da Capela” e a figura de um sacerdote abençoando as dádivas da Campanha do Ouro Para o Bem de São Paulo. Folheando-o, deparei, logo no prefácio, com estas palavras: “Fui por São Paulo”. E adiante: “Ardente e impulsivamente”. E explicava: “Tenho pelo mais sagrado dos deveres o da gratidão. E devo a São Paulo o túmulo do meu pai e o berço de minha mãe. Por vinte anos a fio meus pulmões respiraram somente os ares piratinicanos. Paulistas são os meus companheiros de adolescência e juventude, o que quer dizer que paulistas são os meus melhores amigos. Fui por São Paulo. Não poderia deixar de ser”.

O fato de se ter declarado por São Paulo “ardente e impulsivamente”, segundo suas próprias palavras, custou a Batista Pereira a prisão na chamada “Sala da Capela”, do presídio da Rua Frei Caneca, no Rio de Janeiro, juntamente com outros simpatizantes da revolução. Ali, fez circular entre os companheiros de prisão um jornal manuscrito, a que denominou “Diário da Capela”. Finda a revolução, logo no ano seguinte todo o material escrito para o pequeno jornal foi reunido em livro, que recebeu o mesmo título, cujo sentido, confesso, a princípio não percebi, mas que se aclarou com a leitura do prefácio. No **Diário da Capela** há páginas comoventes, entre elas a que narra a oferta à causa paulista da aliança de Rui Barbosa. Vale a pena recordá-la:

“Minha sogra certa vez marcara-me a sua visita. Mas não pôde vir, por moléstia. Quando minha mulher chegou, depois dos primeiros

momentos explicou-me a ausência da mãe. Mas chamou-me de lado e disse-me: 'Mamãe resolveu mandar para São Paulo a aliança de Papai. Eu devia trazer-ta para a mandares. Mas refleti que daqui não devia ser possível. Em todo o caso, precisamos descobrir um portador seguro'. Fiquei literalmente siderado de espanto. Minha sogra separar-se da aliança de Rui Barbosa ! Eu sabia que mais facilmente ela daria a mais rica das suas jóias. Naquele pequenino aro estavam encerrados a sua mocidade, a sua beleza, os seus sonhos de moça, o longo poema de sua vida de carinhos e sacrifícios. O anjo da guarda com certeza não estremece com mais carinho as próprias asas. A minha emoção não teve palavras. Subiu-me aos olhos, até então enxutos. Não tive a coragem de reprimir-me e de recorrer a um esforço de energia para refrear a água que me borbulhava dos olhos. Indaguei. Pedi todos os pormenores. Inquiri se alguém influíra naquela resolução. Queria saber exatamente como fora tomada. Minha mulher explicou: 'não, Mamãe não consultou ninguém; perguntou-me: se teu Pai fosse vivo, estava com certeza ao lado de São Paulo, não é ? São Paulo está-se batendo pela lei e pela Constituição que ele fez. Quero mandar a aliança de que ele nunca se separou. Se Rui fosse vivo, faria outro tanto ! Creio que por dois ou três minutos não consegui articular uma palavra. Ficamos eu e todos os meus contagiados da mesma emoção. Rui descobrira um meio de mais uma vez optar entre a força triunfante e o direito conculcado. Inspirara à mulher aquela idéia de peregrina beleza. Iria levar a São Paulo, vivo e imortal, o emblema a que deu mais apreço na vida. A sua aliança seria uma bênção aos sete milhões de paulistas que reagiam contra as inúteis e injustas humilhações impostas à terra bandeirante. Naquela pugna entre a liberdade e o arbítrio, o seu lugar estava de antemão marcado. Ele tomou-o mesmo do além-túmulo”.

Se há páginas comoventes, como a que acabo de ler, no **Diário da Capela** há também páginas grandiosas, épicas, como a que escreveu ao ter notícia do bombardeio de Campinas por aviões da ditadura. Batista Pereira foi sempre muito ligado a Campinas. Ali viveu algum tempo quando moço, no início do século, quando se candidatou à cadeira de Literatura do tradicional Ginásio do Estado da cidade. Daí a motivação para produzir certamente a mais bela página que já se escreveu sobre a terra campineira. Vendo-a esquecida das novas gerações, reproduzi-a por duas vezes em “Notícia Bibliográfica e Histórica”, da primeira dando-lhe por título “Ode a Campinas”, que de fato ela o é. Lamento que os campineiros continuem a ignorá-la. Com suas tradições, com o orgulho de seu passado, com o ufanismo de tantas glórias, Campinas jamais poderia esquecer a ode de Batista Pereira. Ela vale por uma consagração, por uma exaltação, que deveria estar no coração e até mesmo nos lábios de todos aqueles que, campineiros de nascimento ou de adoção, vivem na bela cidade paulista. Mas na materialização constante e acelerada da vida hodierna tirando lugar às cousas do espírito, na ânsia de preocupações apenas utilitárias, a bela “Ter-

ra das Andorinhas” pagou também o seu tributo ao Moloc dos tempos modernos, imolando em seu altar as glórias dos seus maiores. Perdeu o culto ao passado, esqueceu suas tradições. Não fora isto, a página de Batista Pereira seria o seu hino oficial, recitado em todos os momentos cívicos e guardado no escrínio mais íntimo de cada campineiro. Ei-la:

“Deus te guarde, Campinas, maior hoje do que nunca ! Teu bombardeio é uma glorificação. A ferocidade dos teus assaltantes deu-te a coroa de espinhos das cidades mártires. É um recibo de heroísmo passado pelos que não podendo corromper nem atemorizar, se vingam em destruir.

Deus te guarde, minha Campinas ! Doiraste-me um dia a juventude de um raio do teu sol. Guardei-o no coração, que hoje to devolve, num grito de carinho, partido do cárcere. Do cárcere onde expia o crime dos livres, que bem sabes qual seja, porque é também o teu, cidadela do brio e da honra.

Passam os primados da opulência. Soçobram em declínios instantâneos as hegemonias mercantis. O que não passa é o espírito da raça, a pupila dos leões, o fluido medular da espécie.

Deus te guarde, Campinas !

Os aviões que te granadearam julgaram decerto esmorecer-te o ânimo e quebrantar-te as energias. Enganavam-se. Os excessos da violência só conseguem tornar mais rijo o aço das resistências cívicas. Caçula de Lovaina, preferes a destruição à desonra. Antes a coroa das chamas da Moscou de Napoleão do que a ignomínia de uma rendição covarde. Primogênita dos bandeirantes, atalaia dos sertões, a fortaleza do teu caráter é *inacessível aos Caíns do espaço !*

Deus te guarde, Campinas ! O estrondo das primeiras granadas que explodiram no teu recinto, trucidando-te a população inerte, não conseguiu paralisar-te de terror. Gelou-te porém de espanto e surpresa. Bombardeada, por quê ? Todas as leis divinas e humanas deviam preservar-te, cidade indefesa, absorvida unicamente nos labores fecundos da paz. Mas a Ditadura não se podia deter ante o imperativo moral, mais forte entre os civilizados que todas as cúpulas blindadas. Era preciso estampar nas tuas faces de princesa a manopla dos brutamontes, que só conhecem o direito da força.

Deus te guarde, Campinas ! Centro intelectual que por decênios disputou à capital a primazia, sede de institutos de ensino que formaram gerações e gerações de nomes nacionais, mãe da arquitetura paulista, justo era que fosses a vítima preferida dos Calibans vestidos de Ariel.

Não os deteve um minuto a consideração de que a farda do militar não é a jaqueta de couro do Lampião, nem os céus do Cruzeiro as caatingas do Nordeste. Embuçaram-se nas tocaias do espaço com a volúpia homicida dos jagunços, para castigar-te dessa hierarquia cultural que para

os bárbaros de Átila e de Alarico eram a justificação de todas as atrocidades.

Mas não baixaste a cerviz. Enterraste os teus mortos e continuaste impassível, erecta no teu denodo e na tua fé e sabendo esperar o dia infalível da vitória. Deus te guarde, Campinas !

Meca da propaganda, não tens um canto onde não tenha palpitado um sonho de República. Depois da eversão desse Império, contra o qual foste a maior das catapultas, desse Império que fez a unidade nacional à sombra da espada de Caxias, que te resta, senão o pó e a cinza das ilusões desfeitas ?

Cresceste pouco a pouco, pequenina vila de São Carlos, pouso terminal do fazendeiro que sucedeu ao bandeirante e ia romper do teu seio para o desconhecido, semeando de cidades e cafezais o oceano da terra virgem. Mas te enlevavas menos nas tuas conquistas que na cultura de teus filhos. Timbraste sempre em cultivar esse jardim interior, vedado aos bárbaros, onde florescem os sentimentos que elevam a criatura e embalsamam a vida.

Deus te guarde, Campinas ! Teu afã de aprimoramento, teu culto das letras e das artes forrou-te sempre à subalternidade que em geral caracteriza as preocupações provincianas. Todas as celebridades que vieram ao Brasil subiram ao teu proscênio, que o senso artístico da tua platéia lhes tornou obrigatório. Porque sempre menos te orgulhaste de opulenta que de culta, tu, que ao transitório diadema de Princesa do Oeste sempre preferiste o de mãe de Carlos Gomes.

Deus te guarde, Campinas ! Nascida à orla da mata, ao rumor dos índios e das feras, se não foste a primeira foste a que melhor soube escutar-lhe as virgens e selvagens harmonias. Grande ouvido das selvas, reservava-te a Providência a glória de dar-lhes um novo Orfeu. O ecos da vida vegetal rebentando na violência dos trópicos, as sinfonias do mundo do tacape e da flecha, da suçuarana e do tapir, do tanoeiro e da araponga, a acústica dum mundo cujas lendas juntaram ao terror milenário da floresta um novo arrepio, todo esse vozear informe da vida americana no berço precisava de um tímpano, antes de encontrar uma orquestra. Tu foste este tímpano, Campinas.

Todas as vozes do Brasil selvagem chegaram a ti, em revoadas iguais às das tuas andorinhas, para de ti partirem de novo para os quatro pontos do espaço. Rebates de inúbia e clamores de pocema. Cicios de folhagem e queda de troncos. Fluir de arroios e pipocar de criciúmas queimadas. Pios de aves e uivos de feras. Bisbilhos de olhos d'água e estrondar de cataratas. Borborinhos de monções e estrupidos de tropas. Trons de bacamartes e alarido de tribos. Toda a nossa natureza inédita e brutescas, violada pelo Descobridor, coube nalma de Carlos Gomes.

Desde então cada vez que irrompe duma orquestra a protofonia do Guarani, ali há alguma coisa mais do que a fuga, o contraponto e a harmonia, a serviço do engenho humano. A torrente melódica vem de origens mais profundas que as da própria inspiração. Nasce das entranhas da terra. Crispa-se dos raios do sol que iluminou o Desbravamento. Precipita-se com o arranque de São Paulo ao configurar o Brasil. Amplia-se como a epopéia da Conquista. Dá pulmões às nossas florestas, aos nossos rios, aos nossos instintos, às nossas almas.

Foi para isso, Campinas, que nasceste à orilha da mata, ressoante de sonoridades estranhas e cortada de silêncios augurais. Tinhas de ser a voz do Brasil.

Ouves ? Na batuta do teu maestro está fulgurando a electricidade cósmica da raça e da terra. É o milagre do fio de cobre que transmite a energia das represas distantes. No ímpeto com que rompem as cordas e os metais, há o pulo da onça e o bramido indomável de independência que é o signo da raça.

O intróito do Guarani é o teu hino sagrado, Campinas. Não invejes Beethoven ou Wagner. Não imaginas o que ele encerra. É uma afirmação do passado. É um protesto do presente. É um apelo ao futuro. Faz da sua audição um culto cívico. Alimenta da sua violência orgênica o subconsciente de teus filhos. Executa-o nas tuas noites estreladas, quando os namorados espirecem em torno dos coretos dos teus jardins, para que a poesia dos instintos e os mistérios do coração se embebam nas suas harmonias. Adota-o como a marcha nupcial dos teus filhos. Bebe por ele o vinho da imortalidade na raça e na terra.

Não desanimes com o teu hoje, Campinas !

Certo ano em que as tuas andorinhas ermaram da sua presença os teus horizontes, houve quem as desse por desaparecidas de vez, para mais facilmente apossar-se do lendário casarão que lhes serve de abrigo. Mas no papel que requeria o arrendamento do andorinhal, o teu Prefeito despachou: Não há que deferir; as andorinhas voltam ! E voltaram.

Mira-te neste exemplo, Campinas !

Não creias que seja definitivo o exílio da legalidade e da justiça, hoje expulsas do teu seio. Elas voltarão, como as tuas andorinhas voltaram.

Deus te guarde, Campinas, que não descrês do amanhã justiciero !

Ergue a fronte, Campinas ! Se não resta em teus altares uma toalha de linho em que deixes a Verônica do teu rosto ensangüentado, vem buscá-la neste cárcere. Sobre a luz baça a cujo reflexo este papel te busca retratar a efígie dolorosa, brilha o raio distante da estrela da Manhã.

Deus te guarde, Campinas ! Ergue a fronte, Campinas, efígie de uma raça, símbolo de uma crucificação, emblema duma resistência que anuncia para hoje ou para amanhã, por sobre as humilhações, por sobre as desilusões, por sobre quem sabe até as traições, o dia infalível da desafrenta, da vitória e da ressurreição.

Deus te guarde, Campinas !”

O conhecimento da obra de Batista Pereira que me foi propiciado pelos três livros de que até agora cuidei, levou-me a saber alguma coisa de sua vida e de sua obra anterior: seu nascimento em Pelotas, sua vinda para São Paulo, sua formatura na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, à qual foi sempre muito vinculado, sua passagem por Campinas, onde concorreu com Coelho Neto em famoso concurso para provimento da Cadeira de Literatura do Ginásio do Estado, a atividade jornalística na capital paulista, especialmente no “Comércio de São Paulo”, no qual publicou, entre tantas páginas brilhantes, o magnífico ensaio sobre Eduardo Prado, tirado em volume em 1902; o início de sua carreira pública, o ingresso na diplomacia, a participação, como secretário de Rui Barbosa, na delegação brasileira à Conferência de Haia, sua vida na Europa, onde se relacionou com expressivas figuras da cultura, das letras e das artes, seu ingresso na família de Rui Barbosa, de quem se tornou genro, a dedicação sem limites com que se consagrou ao grande brasileiro, especialmente após o seu falecimento em 1923, quando passou a falar e a escrever sobre ele, em conferências memoráveis, o caso da Curadoria, que lhe propiciou escrever verdadeira autobiografia; a campanha “pela redenção do Rio Grande do Sul” e tantos outros momentos, marcos miliares de uma carreira gloriosa.

Américo Jacobina Lacombe, no prefácio a uma nova edição de **Figuras do Império e Outros Ensaios**, lembra que, em Haia, coube a Batista Pereira uma missão de muita responsabilidade e assaz recomendada pelo Barão do Rio Branco: desfazer a má-vontade de William Stead (no momento uma influência decisiva na opinião pública mundial) em relação a Rui Barbosa. Tão bem se saiu Batista Pereira dessa incumbência que o resultado foi não só a aproximação das duas grandes (talvez as duas maiores) figuras da Conferência, mas a conversão de William Stead num fervoroso admirador de Rui, sobre quem acabou escrevendo numerosos artigos reunidos posteriormente em livro.

Da década de '20 são trabalhos expressivos: **Rui estudante**, conferência proferida a convite do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito de São Paulo, a 5 de novembro de 1924, peça importante para a biografia da mocidade de Rui e que repassa desde seu mestre de primeiras letras, Antônio Gentil Ibirapitanga, depois o Colégio Abílio, que em seu tempo foi o primeiro dos nossos estabelecimentos de ensino, a permanência no Recife em 1866/1867 e a vinda para São Paulo em

1868; documento precioso igualmente para as primeiras manifestações literárias de Rui quando ainda estudante das Arcadas, especialmente suas poesias, muitas das quais inspiradas em episódios da Guerra do Paraguai; **Civilização contra Barbárie**, originalmente uma conferência proferida na Faculdade de Direito de Belo Horizonte em 15 de abril de 1928, trata das relações do Brasil com as nações do Prata e tem preocupações revisionistas em torno de nossa história diplomática; **O Brasil e a Raça**, conferência na Faculdade de Direito de São Paulo em 19 de junho de 1928, precioso testemunho de crença no Brasil, no qual se afirma, entre outras cousas, a unidade da espécie, a inuidade do preconceito de raça, a impotência da antropologia e da etnologia na discriminação dos caracteres individuais e na determinação de superioridade ou inferioridade, os limites conjecturais dos povoamentos e migrações primitivas, a falência do gobinismo e da superioridade nórdica, a indiscutibilidade da mestiçagem em todos os povos, a influência e a penetração do sangue negro em todas as civilizações, a caracterização afro-européia da civilização grega e da latina que lhe sucedeu, o recente da hegemonia branca, o papel de Portugal como agente determinado dessa hegemonia e, finalmente, a improcedência das acusações que se fazem ao Brasil de não ter as qualidades que se requerem aos vanguardeiros da civilização, por ser o habitat de uma raça deteriorada pelo afluxo de sangues inferiores; na mesma linha se insere a **Formação Espiritual do Brasil** (1930), que Américo Jacobina Lacombe informa ter sido escrito para servir de introdução a uma obra de Rui Barbosa, sem mencionar, entretanto, qual seria; há evidentemente em **Formação Espiritual do Brasil** pontos que o próprio Batista Pereira, estou certo, reescreveria se tivesse oportunidade de reestudar o assunto, como os capítulos sobre Lutero, sobre Pombal, sobre Feijó e sobre a própria posição de Rui com referência ao prefácio de **O Papa e o Concílio**. Todos estes três livros e mais **Brasilidade**, discurso proferido numa homenagem que lhe foi prestada no Automóvel Clube de São Paulo em 16 de setembro de 1928, foram reunidos para formar o volume **Pelo Brasil Maior**, nº 21, da Coleção "Brasiliána", publicado em 1934.

Do mesmo ano de 1934 é outro grande empreendimento de Batista Pereira: a "Revista Brasileira", da qual nove números foram publicados. O nome "Revista Brasileira", é de muita significação em nossa vida cultural, especialmente literária. Fundada em 1857, em substituição à revista "Guanabara", circulou até 1861, com apenas onze números; era dirigida pelo Conselheiro Cândido Batista de Oliveira, contou sempre com a proteção de D. Pedro II e estampou colaborações de Fernandes Pinheiro, Freire Alemão, Joaquim Norberto e Porto Alegre, entre outros. Ressurgiu em 1879, na forma de quinzenário, circulando até 1881, colaborando em suas páginas a nata da intelectualidade da época, inclusive Sílvio Romero, Araripe Júnior, José Veríssimo e Machado de Assis; ressurgiu mais uma vez no fim do século, sob a direção de José Veríssimo. Batista Pereira foi

buscar para a revista que idealizou em 1934 o mesmo nome da tradicional publicação, assinalando-a como “quarta fase”. Só que nesta fase a “Revista Brasileira” diferia substancialmente das fases anteriores, todas de tendência acentuadamente literária; apresentava-se a nova revista como “síntese do momento contemporâneo” e tinha como redator Rui Barbosa Batista Pereira e como secretário Samuel Wainer, o grande jornalista cujo recente falecimento abriu insanável claro no jornalismo brasileiro; constava de diversas seções: Política Interna, Política Externa, Economia, Arte etc., pretendendo ser, como o subtítulo o indicava, uma “síntese do momento contemporâneo”, à qual não faltava excelente colaboração brasileira e estrangeira. Assemelhava-se muito a “Le Mois”, famosa revista francesa daquela época, de tanta penetração no Brasil. Pretendia Batista Pereira que cada volume da sua “Revista Brasileira” publicasse um livro completo, obviamente um livro de pequenas dimensões. E começou justamente com a reedição de uma obra de sua própria autoria: **O Brasil e o Anti-Semitismo**, publicada originalmente em 1932 pela Editora Guanabara. Trata-se de um libelo, talvez o mais incisivo de quantos se escreveram no Brasil, sugerido pelas perseguições aos judeus ocorridas com a ascensão do nazismo na Alemanha; porém inicia-se o livro recordando o famoso “Affaire Dreyfus”, pelo qual Rui Barbosa tanto se interessou, como é sabido. A tônica do livro vem nas suas palavras iniciais: “Quem terá razão? Seremos nós que acreditamos no Direito? Serão os outros que só acreditam na força?” E adiante: “Tristes de nós, triste do Brasil, triste do nosso continente, se num momento destes, em que o mundo ameaça volver à bruteza primitiva, levados por mesquinhas considerações de interesse ou conveniência, esquecêsemos o princípio que é a raiz e a condição de toda a civilização, esquecêsemos que o maior dever da humanidade é ser humana”.

Outros livros publicados pela “Revista Brasileira”: no volume segundo, o memorial do General Bertoldo Klinger, de tanto interesse para a história da Revolução Constitucionalista de 1932, inédito que o ilustre militar redigiu no exílio, confiando a Batista Pereira assim que retornou ao Brasil. Quanto à natureza do trabalho, é o próprio Batista Pereira quem adverte no prefácio: “Este memorial compõe-se de respostas a uma série de quesitos. Foi o senhor Moacir Barbosa Ferraz, dedicado auxiliar de Klinger durante a guerra e seu companheiro de exílio, que os redigiu. O seu intuito era apanhar, ainda quentes e vívidas, as recordações do grande chefe das forças revolucionárias. Conseguiu-o. Prestou um grande serviço à nossa História. O memorial fixa com raro relevo e energia todas as etapas da gloriosa epopéia. É um documento indispensável à sua história.”

Em seu terceiro volume, estampou a “Revista Brasileira” um dos mais interessantes — e praticamente desconhecidos — relatos de viajantes estrangeiros no Brasil: o do jovem diplomata Henri Allizé, “nome de certa projeção da diplomacia francesa”, segundo explica Batista Pereira.

Nunca serviu no Brasil. Apenas aqui esteve a passeio, em 1886. Nessa visita observou muita coisa interessante que reuniu no pequeno livro nunca publicado na língua original. Sua primeira e única publicação, em tradução do Conde de Funchal, deve-se, pois, a Batista Pereira, com o título de **Impressões de um jovem diplomata no Brasil**, título que, certamente, corre por conta do tradutor ou do editor. O curioso é que, embora tenha sido, no dizer de Batista Pereira, “um nome de certa projeção da diplomacia francesa”, nada consegui encontrar sobre ele nas muitas enciclopédias e dicionários franceses que consultei. O que dele conheço é o que figura no prefácio, aliás bem extenso e informativo, do Conde de Funchal, que o acompanha até 1924, época em que se aposentou do serviço diplomático. Assim, graças à publicação desse precioso relato, Batista Pereira e sua “Revista Brasileira” associaram-se à literatura dos viajantes estrangeiros no Brasil, assunto sobre o qual no momento preparo um livro, razão pela qual me é grato registrar esta contribuição de nosso homenageado.

Peço licença para recuar dez anos, a 1923, quando Batista Pereira publica seu mais tremendo libelo político, sugerido pela situação de seu Estado natal, dominado havia mais de trinta anos pelo castilhismo e pelo borgismo. Trata-se de libelo acusatório de uma situação, por vezes excessivamente apaixonado, como soem ser todos os libelos. Intitula-se **Pela Redenção do Rio Grande**, e reúne conferências proferidas no Rio, em Outro Preto, Belo Horizonte, Santos e São Paulo, de 27 de abril a 10 de junho de 1923. Encerra, como já se disse, veemente crítica à política de Borges de Medeiros e à própria Constituição Positivista (ou melhor, Castilhistista) do Rio Grande do Sul. Nessa mesma linha, insere-se também a conferência **Pelotas e seu destino**, proferida no Teatro Guarani de sua cidade natal, a 22 de março de 1924, e que poderia ter sido incluída no volume citado. Mais uma vez inspirou-se em Rui, pois encontrou entre os seus papéis o rascunho de um parecer que o grande jurista pretendia escrever sobre a situação política do Rio Grande do Sul. “Só chegou a escrevê-lo pela metade, mas — diz Batista Pereira — o bastante para dar a conhecer sua opinião. Tomei-o como o legado supremo de Rui, como um brado de além-túmulo em prol da liberdade rio-grandense”. A essa motivação ruiana acrescenta-se outra não menos importante: o seu gauchismo. É ele quem o diz: “Todo o meu fundo ancestral veio à tona nessa erupção de patriotismo e revolta. É o sangue rio-grandense que flameja atavicamente nesse longo brado de desespero e protesto. É o sangue gaúcho que arde ante o aviltamento da gleba dos seus maiores”. Por isso mesmo, dedica o livro ao pai, José Batista Pereira.

O quadro que nos pinta de um Rio Grande do Sul exigindo “redenção” é assaz trágico: “Há trinta e cinco anos que o Brasil tem um Estado que é a negação da República: o Rio Grande do Sul. Lá não há regime federativo: o Rio Grande não é autônomo, é soberano. Lá não há

poder judiciário, poder legislativo, poder executivo: o presidente enfeixa os três na sua mão. Lá não governa o povo: o presidente é quem se elege e acaba de se eleger pela quinta vez. Lá não há códigos: é o presidente quem faz e promulga todas as leis. Lá não há separação entre Igreja e Estado: há uma seita positivista, que substitui os mandamentos do Nazareno pelos de Comte. Lá não há República: existe uma autocracia vitalícia que de República só tem o rótulo”.

Seu livro foi saudado com os maiores encômios. Assis Brasil viu nele um libelo tremendo; Alfredo Pujol, um “magnífico trabalho”; seu amigo o grande euclidiano Francisco Escobar, convenceu-se, com a leitura dessas conferências, de que a Batista Pereira estava reservada a tarefa de continuar a obra de Rui Barbosa, acrescentando mesmo que “lendo-as é como se a gente visse nelas, ressurrecto, o próprio espírito de Rui”; Alberto Faria considerou-as “faíscas de um bela inteligência que desabrocha para o Brasil, fazendo lembrar Rui na campanha civilista”; Francisco Pati, por essas mesmas conferências, julgou-o a “mais brilhante figura da oratória brasileira” e enumera as qualidades que o levaram a pensar dessa maneira: pureza de linguagem, eloquência de frase, precisão dos argumentos, segurança dos raciocínios, colorido das descrições, brilho das parábolas, sinceridade das afirmações etc., e concluía dizendo que “as antologias recolherão muitos trechos de suas conferências, que são obras-primas de estilo, imaginação e poesia”; Plínio Barreto dizia não saber como é que, “tendo aquele vulcão de idéias na cabeça”, conseguiu “conter as lavas durante tanto tempo no silêncio e na sombra”; Clóvis Bevilacqua ressaltava sua “tão sólida cultura jurídica como literária”, enquanto Rocha Pombo, mais sintético que todos, dizia ser Batista Pereira “o milagre daqueles dias”. A aproximação com Rui era inevitável, pois fazia apenas meses que se dera seu falecimento: tanto assim, que Raul Soares, seu antigo companheiro de Campinas e de São Paulo e no momento Presidente de Minas Gerais, sugeria que a Batista Pereira caberia suceder ao sogro na Academia Brasileira, e o gaúcho Múcio Teixeira avançava que podia morrer tranqüilo, porque, agora, o Rio Grande do Sul também tem o seu Rui...

Finalmente, uma palavra sobre a última obra de fôlego levada a efeito por Batista Pereira: a reconstituição histórica de São Paulo no século XVI, certamente seu mais importante trabalho de pesquisa histórica, sugestivamente intitulado **A Cidade de Anchieta**. Foi elaborado para um concurso de monografias históricas promovido em 1936 pelo então recém-criado Departamento de Cultura da municipalidade paulistana, obtendo a terceira classificação, cabendo as duas primeiras ao historiador português Padre Serafim Leite, com a monografia “Os Jesuítas na Vila de São Paulo” e a segunda a Afonso de Taunay, com a extensa “Guerra dos Bárbaros”. As três monografias premiadas foram publicadas pela “Revista do Arquivo Municipal”, encontrando-se a de Batista Pereira em o nº 23, de maio de

1936, da excelente revista então dirigida por Mário de Andrade. Trata-se de extenso trabalho de mais de 120 páginas, no qual se reflete todo o interesse e dedicação de seu autor pela história paulista e toda a sua capacidade de pesquisa. Tem sido discutido e até contraditado em alguns pontos por outros estudiosos do passado de nossa terra, o que lhe não o invalida. Tanto assim, que a Comissão Promotora do Centenário de Batista Pereira, ao preparar uma seleção de seus escritos que brevemente será publicada, houve por bem recomendar a reedição integral de **A Cidade de Anchieta**. Todos nós sabemos as dificuldades que oferece à pesquisa histórica o trabalho de reconstituição de uma época já tão longínqua, pela escassez e, às vezes, até carência total de fontes. Que o digam os mestres do passado, a começar por Orville Derby, Teodoro Sampaio e Gentil de Assis Moura, que tentaram reconstituir, por exemplo, os roteiros das bandeiras paulistas ou a paisagem primitiva dos campos de Piratininga. Por tudo isto é que o trabalho de Batista Pereira, em que pese a alguns pontos que, de fato, não resistem a uma crítica mais cuidadosa, representa peça indispensável ao conhecimento do passado paulistano, título imprescindível em nossa bibliografia histórica.

Eis, meus nobres ouvintes, apresentada de maneira um tanto desalinhada, com avanços e recuos no tempo, a obra do ensaísta e historiador, cujo centenário de nascimento hoje comemoramos. Não é trabalho completo, pois sobre ela muito e melhor certamente poderia ser dito, se outro fosse o conferencista. Mas creio, o que ficou dito pode dar idéia do valor de sua contribuição para a nossa bibliografia histórica e ensaística. Sinto-me profundamente sensibilizado pela oportunidade que me foi dada de falar nesta noite. Enquanto preparava esta conferência, ocorria-me a todo o instante à lembrança aquela sacolejante viagem num vagão de segunda classe da Central do Brasil, há quase meio século, quando pela primeira vez lia um livro de Batista Pereira. Quando poderia imaginar que, um dia, quase cinquenta anos depois, a mim caberia falar na comemoração do centenário do nascimento daquele vulto em cuja obra apenas me iniciava. Coisas do destino, como se diria... Em todos os seus livros, desde o ensaio sobre Eduardo Prado até a "Cidade de Anchieta", cobrindo um período de quase quarenta anos, há uma dominante, há uma preocupação fundamental, há um objetivo a alcançar, há um programa, por assim dizer, e que podem ser sintetizados no título que deu a um dos seus livros PELO BRASIL MAIOR.